

Por uma Ciber morfologia: Abordagem Morfossemântica dos Xenocostituintes em Português

Carlos Alexandre Gonçalves²⁸
Maria Lucia Leitão de Almeida²⁹

1. Introdução

Vem sendo cada vez mais frequente, em áreas como a informática e o comércio eletrônico, entre tantas outras, o emprego de elementos morfológicos recém-criados em inglês a partir de processos como truncamento e abreviação, a exemplo, nessa ordem, de *cyber-* (encurtamento de ‘*cybernetics*’) e *e-* (abreviação de ‘*eletronic*’). Essa situação – que pode parecer banal à primeira vista, já que são bastante comuns empréstimos do inglês nessas áreas – vem favorecendo a acentuada proliferação de elementos não-nativos nas estruturas morfológicas do português. De fato, elementos como esses também se adjungem a bases vernáculas (p. ex., ‘*cyber-avó*’, ‘*e-professor*’ e ‘*Lula-leaks*’) e, por isso mesmo, criam esquemas de formação de palavras (Booij, 2010) que acabam se conformando aos padrões construcionais existentes na língua.

Neste trabalho, procuramos discutir o estatuto morfológico dos elementos *cyber-*, *e-*, *wiki-* e *-leaks*, observando (1) o potencial de produtividade desses formativos, (2) o grau de nativização das formas em que aparecem, (3) sua relevância para a teoria da informação e (4) sua relação com a metáfora do conduto (Reddy, 1979). Além disso, objetivamos descrever as características morfosintáticas e semânticas das formações híbridas (com uma parte vernácula e outra não-vernácula), com vistas a refletir de que maneira as unidades alógenas surgem, se formam e se

28 (UFRJ)

29 (UFRJ)

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

integram na língua. Para descrever as motivações semânticas das novas construções, tomamos por base o referencial da Linguística Cognitiva, mais especificamente os trabalhos de Langacker (1987, 2008), Goldberg (1995, 2006) e Fauconnier & Turner (2004).

O texto se estrutura da seguinte maneira: em primeiro lugar, definimos esses constituintes para, logo após, mostrar a alta produção, em português, de formas constituídas por esses elementos. Por fim, destacamos as semelhanças entre essas construções morfológicas e outras que também se valem de partes de palavras, como a recomposição e a formação por *splinters*.

2. Os *Fractoconstituintes*

De acordo com Correia (2003: 4-5), são *fractoconstituintes* as “*unidades infralexicais com significado referencial, resultantes da truncação de outras unidades lexicais, geralmente elas próprias construídas, que adquirem o significado das unidades-fonte de onde provêm*”. O termo, atribuído à linguista francesa Danielle Corbin, faz uso do radical preso *fracto-*, que, em latim, significa “fração, parte”. Desse modo, um *fractoconstituente* corresponde a um pedaço – não necessariamente morfêmico – de uma palavra-matriz de maior extensão, que, por metonímia, passa a valer pelo todo.

Com base na concepção de Corbin (2000) acerca dos *fractoconstituintes*, cunhamos o termo *xenoconstituente* para rotular pedaços de palavras sem correspondentes com *arqueconstituintes* na língua (radicais neoclássicos, de origem grega ou latina, como ‘odonto’, ‘bio’ e ‘homo’), entendendo que elementos como *cyber-* e *-leaks* diferem de formativos como *petro-* (redução de ‘petróleo’) e *eco-* (encurtamento de ‘ecologia’) por não se vincularem a formas com estatuto de morfema em português. Esses últimos casos já vêm sendo razoavelmente descritos na literatura e correspondem ao que Cunha & Cintra (1985) e Monteiro (1989) chamam de recomposição: o elemento neoclássico, chamado de *afixoide*, perde seu significado etimológico e adquire, nas novas formações, o conteúdo do composto mais frequente de que era *constituente*³⁰.

30 Em casos de recomposição, a sequência *petro-* é utilizada em referência a “petróleo”, não atualizando a acepção primeira (etimológica) de “pedra”, a exemplo de ‘petro-química’ e ‘petro-negociação’. O mesmo acontece com *eco-*, que, em formas como ‘eco-atitude’ e ‘eco-renovação’, deixa de significar “ruído, som”, para designar “ecológico”.

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

Xenoconstituintes correspondem, portanto, a empréstimos. No entanto, constituem um tipo diferente de empréstimo: o de unidades morfológicas recém-criadas na língua doadora (o inglês). De acordo com Lehrer (1998), Bauer (2005) e Dunks (2003), entre outros autores, o inglês vem formando novas unidades lexicais a partir de *splinters*, aqui entendidos como pedaços recorrentes de palavras provenientes de fenômenos de fusão vocabular. Bauer (2004: 77) assim define esse tipo de partícula:

Splinter é uma parte de uma palavra que, devido a algumas reanálises da estrutura da palavra original, é interpretada como significativa e posteriormente utilizada na criação de novas palavras. Como exemplo familiar, considere a palavra 'alcoholic'. Em termos morfológicos, esse vocábulo é dividido em 'alcohol' e '-ic'. Mas essa palavra foi reanalisada como alc-oholic, e o novo *splinter* -oholic (variavelmente soletrado), em seguida, re-ocorre em palavras como *aschocoholic*, *spendaholic*, *andshopoholic*.

Os xenoconstituintes são, portanto, *splinters* do inglês utilizados para criar novas palavras na língua tomadora, já que podem ser adjungidos a formas vernáculos³¹. Esses elementos morfológicos, em decorrência de sua ampla difusão e disseminação pela *internet*, acabam se comportando como formativos também na língua tomadora. No entanto, apresentam diferentes graus de produtividade. Além disso, a maioria ainda não está completamente nativizada, como demonstram os exemplos em (01), todos com oscilação ortográfica:

(01) cybercafé ~ cibercafé	wikicionário ~ uiquicionário
ciber-espaco ~ ciberespaco	nikitileaks ~ nikitiliks

Antes de apresentar cada uma das quatro unidades aqui tomadas para investigação (*cyber-*, *e-*, *wiki-* e *-leaks*), tecemos, a seguir, considerações gerais sobre as principais concepções teóricas relevantes à descrição do que estamos chamando de xenoconstituente vinculado ao domínio da informação digital, ou, conforme sugerido no título, à “cibermorfologia”.

31 Entre os xenoconstituintes do inglês frequentemente encontrados em português, destacam-se: (a) *-gate*, que designa algum tipo de escândalo envolvendo o elemento que aparece na primeira posição (p. ex., 'panetone-gate' = escândalo das drogas escondidas em panetones); (b) *pit-*, que remete a alguém caracterizado como agressivo, à semelhança do cão da raça *pitbull* (p. ex., 'pit-babá' = babá agressiva); e (c) *-burguer*, relacionado ao sanduíche de carne moída que pode se combinar com mais ingredientes (p. ex., 'X-burguer' = hambúrguer com queijo). Como, neste artigo, estamos interessados nos constituintes que, de um modo ou de outro, manifestam um conteúdo relacionado à área da cibemética, optamos por descartar tais formativos.

3. *Principais Questões Teóricas Relevantes à Análise*

Como evidenciado em uma série de trabalhos de diferentes linhas teóricas, formalistas ou funcionalistas, as línguas permitem a construção e a compreensão de um inesgotável repertório de novas palavras. O licenciamento – ou sancionamento – de novas expressões, entretanto, não implica aceitar ingenuamente que (a) não haja recursos específicos para tais criações e (b) os falantes possam criá-las a seu bel-prazer.

Para a Linguística Cognitiva (doravante LC), não faz sentido falar em regras ou restrições, mas em esquemas, que são organizados em redes. A palavra esquema, no entanto, é ambígua porque atravessa todas as diferentes linhas teóricas que compõem a LC. Tal se justifica por sua conveniência em explicar a concepção cognitivista de que, independentemente do nível de análise (se o mais formal, se o mais semântico, se o mais global), as línguas são entendidas como um conjunto estruturado de padrões que derivam outros, mas não os geram (Kay, 1997). Esquemas são, portanto, esqueletos desprovidos de informação proposicional. É assim nas abordagens da Gramática Cognitiva de Langacker (2008) e também na Gramática das Construções de Goldberg (2006) e Booij (2010) e na Teoria da Mescla de Fauconnier & Turner (2004).

Desse modo, podemos entender esquema como padrão construcional ou como conjunto de características que formam instruções para a construção do significado. Além disso, também é possível compreender esquema como uma noção que compartilhe tanto o aspecto formal quanto o semântico. Em Basílio (2010), encontramos essa última acepção; em Langacker (2008), focaliza-se o aspecto semântico-cognitivo e em Booij (2010), o formal. Trabalhamos, pois, com essas três possibilidades que, acreditamos, unificam as abordagens e as análises. Começemos com a ênfase na formação de palavras.

3.1 *Palavras como Esquemas – Foco no Aspecto Formal*

Inaugurando um paradigma que chama de Morfologia Construcional (*Construction Morphology*), Booij (2005) mostra que as unidades linguísticas são estruturas simbólicas convencionais. Desse modo,

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

não há diferença substancial, por exemplo, entre palavras derivadas ('sapat-eiro'), compostos ('baba-ovo') e expressões semi-abertas ('dar uma X-da'), uma vez que todas essas unidades, que são complexas, podem, igualmente, ser analisadas, em suas estruturas de formação, por meio de esquemas construcionais.

Convergindo com tal perspectiva, observa Basílio (2010: 20) que *“deixa de ser crucial a questão de determinar, por exemplo, se um composto é ou não uma palavra; ou se uma construção é composta ou prefixada. Destaca, ainda, que as palavras com mais de um formativo são “unidades simbólicas complexas convencionais, cujas propriedades comuns podem ser representadas em esquemas construcionais, desde os mais especificados, como [[Xizar]_y-ção]_N até os mais abstratos como [N-N]_N”* (Basílio, 2010: 21). Assim, podemos considerar como esquemas construcionais tanto as formações mais antigas, como 'navio-escola', quanto as novíssimas 'bolsa-floresta' e 'vale-night' – todas instanciações do esquema [N-N]_N (Faria, 2011).

De acordo com Booij (2005), a semelhança estrutural entre composição e derivação afixal pode ser formalizada por meio de esquemas gerais de formação de palavras que expressam generalizações sobre conjuntos de palavras existentes e podem ser usados para formar novas unidades lexicais. Por exemplo, em português, os três principais mecanismos envolvidos na formação de palavras são a composição, a sufixação e a prefixação. Esses três padrões morfológicos podem ser representados como segue:

$$\begin{aligned} (02) \text{ composição: } & [[X]_x [Y]_y]_N \\ \text{prefixação: } & [X [Y]_y]_y \\ \text{sufixação: } & [[X]_x Y]_y \end{aligned}$$

Nos esquemas em (02), as variáveis X e Y representam seqüências fonológicas e os subscritos x e y, categorias lexicais. O esquema dos compostos expressa a generalização de que a composição, independentemente da posição da cabeça lexical, sempre forma nomes em português (daí o subscrito _N). O esquema da prefixação expressa que essa operação morfológica é neutra categorialmente, sendo a classe gramatical das palavras prefixadas idêntica à de sua base, que constitui a cabeça. Para Booij (2005: 13), *“a diferença entre composição e derivação é que na derivação um dos constituintes não tem uma etiqueta lexical, uma vez que não corresponde a um lexema”*. No caso da sufixação, no entanto, o elemento preso porta informação sintática e constitui cabeça lexical, por determinar tanto a categoria sintática quanto o gênero do produto. Esquemas como os

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

apresentados em (02) fazem parte do léxico e representam o pareamento da estrutura formal com a semântica.

3.2 Palavras como Esquemas – Foco no Aspecto Semântico-Cognitivo

Nas palavras de Langacker (2008: 215), “*esquemas são abstraídos de expressões que ocorrem e podem ser utilizadas na construção e na compreensão de novas expressões*”. Rejeitando a possibilidade de as línguas seres concebidas por meio de regras construtivas ou de filtros, Langacker (*op. cit.*) defende que, como a LC é baseada no uso, padrões e regularidades de qualquer tipo emergem em qualquer nível de especificidade, o que ocorre até mesmo com os itens lexicais, que costumam ser tomados como idiossincráticos. O autor exemplifica isso com a palavra inglesa ‘*cat*’ (“gato”), mostrando que não há inconsistência alguma em considerá-la um esquema, se comparada aos esquemas dos nomes contáveis ou mesmo dos nomes como classes gerais.

Estabelecida essa premissa, temos, então, que quaisquer unidades linguísticas são esquemáticas tanto em relação à fonte do evento quanto em relação aos eventos em que ocorrem. Tomemos, para exemplificar, a palavra inglesa ‘*pit-bull*’, que designa “cão perigoso”, protagonista, em várias notícias, de atos agressivos, inclusive com seus próprios donos. Essa fonte, com seu contexto, serviu de esquema para a construção do sentido de palavras que começaram a circular na língua, como ‘*pit-boy*’ (rapaz normalmente fortinho, que gera briga em boates). Também em português, são inúmeras as palavras construídas com o elemento *pit-*, que passou a designar, nas construções morfológicas em que fixou à esquerda (em conformidade com o modelo, ‘*pit-bull*’), “agressivo, violento, feroz”:

- | | | |
|------|-----------|--------------|
| (03) | pit-babá | pit-pai |
| | pit-bicha | pit-bebê |
| | pit-sogra | pit-namorado |

A definição de léxico abaixo, de Basílio (2011), abarca as considerações feitas até aqui e legitima duas ideias ora defendidas: (a) itens **evocam** conceitos e (b) essa evocação é **situada linguística e socioculturalmente**:

O léxico pode ser entendido como um espaço de formas simbólicas, isto é, **formas que se associam a conceitos**. Essas formas, as unidades

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

lexicais, **cujas possibilidades de evocação são infinitas**, dependendo de circunstância que podem envolver desde a história da língua e a história dos falantes envolvidos numa situação linguística e sociocultural, até relações **entre formas e suas potenciais evocações**, que são usadas na construção de enunciados linguísticos. (Grifos nossos)

Em convergência com essa afirmação, Langacker (2008: 216) entende que o uso da língua é uma atividade complexa, porque cognitiva, e, por isso mesmo, controlada ou constituída por processamento neural. Além disso, é uma atividade sociocultural por natureza, já que a linguagem é adquirida e utilizada na interação, num determinado contexto social e cultural. Não é casual, portanto, que, numa época de desenvolvimento tecnológico acelerado, com o avanço da teoria da informação e suas várias interfaces, surjam palavras que redefinem categorias mais afinadas com esse novo paradigma que se impõe. Esse seria o caso, por exemplo, de ‘ciber-avó’ e ‘e-namorado’. O primeiro recategoriza “avó”, focalizando suas habilidades em usar recursos eletrônicos; o segundo perspectiviza “namorado” sob a ótica do “lugar” de encontro – *sites* de relacionamento.

Vários linguistas têm estado atentos às alterações (ou criações) de palavras, fruto das modificações culturais (Langacker, 2008; Fauconnier & Turner, 2004). Tal é o caso, por exemplo, da palavra ‘vírus’ (do latim ‘uirus’, “veneno, toxina”), cuja acepção primária é “*pequeno agente infeccioso (20-300 nm de diâmetro) que apresenta genoma constituído de uma ou várias moléculas de ácido nucléico (DNA ou RNA), as quais possuem a forma de fita simples ou dupla*” (Hoauiss, 2009). Com o advento da informática, ‘vírus’ passou a designar também o programa malicioso desenvolvido por *hackers* que, tal como o vírus biológico, infecta o sistema, faz cópias de si mesmo e tenta se espalhar para outros computadores, utilizando-se de diversos meios.

Enfim, o que o exame de ‘vírus’ mostra é a passagem de uma palavra monossêmica para uma palavra polissêmica. Sob o ponto de vista da LC, a polissemia é um fenômeno de categorização prototípica e, como tal, forma redes com nós de diferentes estatutos. Dado o avanço tecnológico e o conseqüente uso de itens mais gerais para a formação de novas palavras em série, valemo-nos desse instrumental para mostrar os modos de construção do sentido de diversas palavras recém-introduzidas na língua. Antes, porém, veremos a relação do esquema com o Princípio da Analogia (Bybee, 2010), noção que também contribuirá para a análise dos xenoconstituintes, por explicar a produtividade dos itens pertencentes ao domínio genérico da informação.

3.3 Esquemas e Analogia

Subjacente à noção de esquema está o Princípio da Analogia (Bybee, 2010). A analogia, em LC, não retoma a ideia da quarta proporcional saussureana, sendo entendida, conforme proposto em Fauconnier & Turner (2004), como o mapeamento entre elementos de dois domínios – o fonte e o alvo – e o modo como são aproximados por meio do que, na Teoria da Mescla, é chamado de espaço genérico. Nesse “espaço”, o processamento cognitivo abstrai o que há em comum, amplamente falando, entre entidades de dois espaços para construir o significado final, fruto das mesclas de propriedades relevadas em cada ocorrência. Trocando em miúdos, o conceito de analogia está de acordo com a noção de como a semelhança entre coisas diferentes se dá pela construção de ideias (e de construções linguísticas) baseadas nas já existentes. A Teoria da Mescla permite, então, que se aproximem aspectos comuns apresentados por situações aparentemente dispare.

De algum modo, podemos entender diversas formações de natureza diferente como instanciações de um mesmo esquema formado por operações analógicas. Observemos os dados em (04) para ilustrar o que queremos dizer:

- (04) a. Expressões idiomáticas do tipo quem X, Y: ‘Quem com ferro fero, com ferro será ferido’; ‘Quem tudo quer, tudo perde’; ‘Quem semeia vento, colhe tempestade’ etc;
- b. Compostos guarda-X: ‘guarda-roupa’; ‘guarda-louça’; ‘guarda-costas’ etc;
- c. Derivados X-eiro: ‘sapateiro’; ‘olheiro’; ‘chapeiro’ etc.

Se observarmos os dados em (04) pelo viés da analogia, veremos que as construções revelam os mesmos processos de ativação de um esquema com suas diversas instanciações, por meio de combinações locais (ajustes focais) ou, por outra perspectiva teórica, *blendings*. A esquematização como processo de categorização, nos termos de Langacker (1987: 371), permite a construção da já referida rede, que deve ser entendida como “*uma estrutura integrada que incorpora a generalidade de seus membros*”. Assim é que, nesse modelo, privilegia-se a noção de prototipia, tendo os membros da rede diferentes graus de representatividade do protótipo. Não à toa que Taylor (1991) considera que o grau mais representativo é o intermediário – nem o mais abstrato, nem o mais concreto.

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

Como a teoria das redes prevê que essas são formadas por nós (sentidos) interligados por relações de categorização, verifica-se que alguns são mais esquemáticos que outros. Nós mais centrais ou prototípicos se dão por extensão; os mais esquemáticos, ao contrário, por elaboração.

3.4 De Redes e Domínios: Acomodação, Ajustes Focais e Coerção

Para estabelecer os nós de uma dada rede, é necessário que seus sentidos estejam (razoavelmente) estabelecidos. A polissemia é um dos principais fenômenos de instabilidade do significado. Reconhecida como uma das características comuns às várias línguas (em seus usos), somente agora, com o desenvolvimento do instrumental teórico para abordá-la de modo mais sistemático, a polissemia vem recebendo tratamento adequado.

Observa-se, então, que, se por um lado, a instanciação de um item simples, como “dar”, pode ser usada com o esquema transferencial básico, por outro, pode também ser associada a diversos domínios, como em ‘João deu um anel à Maria’ (doação); ‘Esta rua dá na praia’ (direção); ‘Ele deu um soco na mesa’ (agressão). A possibilidade de alocação a diversos domínios é chamada de acomodação (Soares da Silva, 2006), ajuste focal (Croft & Cruise, 2004) e coerção (Pustejovsky, 1998). Portanto, ao se colocar o item em cadeias associativas, serão relevadas essas ou aquelas propriedades. A questão de a qual domínio pertence um dado elemento passa pelo mesmo processo dinâmico. Tomemos o item ‘geladeira’. Se dissermos que ‘a geladeira está com o termostato desregulado’, o domínio ativado é o de “aparelho eletrônico”, mas se ao carregador que nos faz mudança falarmos ‘leva também a geladeira’, o domínio considerado é o do “mobiliário de uma casa”.

Munidos do instrumental teórico brevemente resumido nesta seção, passemos, enfim, à descrição dos xenocostituintes aqui tomados para análise. Lancemos, então, as primeiras ideias do que chamamos de “cibermorfologia”.

4. Análise dos Xenocostituintes

A abundância de palavras com xenocostituintes formadas em português decorre, sem dúvida alguma, de um movimento cultural relativamente recente, de caráter mundial, em grande parte motivado

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

pela popularização da *internet* e pelos desenvolvimentos científicos e tecnológicos que se tornaram mais conhecidos nas duas últimas décadas. Por isso mesmo, os diversos formativos tomados de empréstimo do inglês, além de refletir os usos já encontrados nessa língua, acabam experimentando novos significados em português, uma vez que a cognição é socioculturalmente motivada, como preconiza a LC. Começemos a análise com *cyber-*, que reflete, melhor que os demais, a diversidade de nuances de significado envolvidas nas formas de comunicação proporcionadas pelas novas tecnologias. De todos aqui analisados, *cyber-* é, de longe, o mais produtivo³².

4.1 Cyber-

A forma de base que originou o encurtamento *cyber-*, em inglês, é ‘*cybernetics*’ (do grego ‘*kybernetiké*’³³), nome dado à disciplina científica “que estuda os mecanismos de comunicação e de controle nas máquinas e nos seres vivos” (Houaiss, 2009). Com a explosão da era eletrônica, o termo passou a ser utilizado também em referência à *internet* ou à comunicação entre computadores ou entre redes sociais.

Pelo processo de *clipping*, *cyber-* adquire o significado de ‘*cybernetics*’ e logo se adjuge a base substantivas na formação de uma série de novos substantivos em inglês, como se vê nos exemplos em (05), a seguir, muitos dos quais também encontrados em português, seja em sua forma original, seja como um decalque³⁴.

32 Os dados que sustentam a análise foram recolhidos através da ferramenta eletrônica *google*. Uma coleta menos sistemática foi feita, paralelamente, a partir de fontes diversas: jornais e revistas de grande circulação nacional, como o *Jornal do Brasil* e a revista *Veja*, além de dados ouvidos em diferentes situações de interação linguística, como conversas informais e programas de televisão.

33 Em grego, *kybernetiké* designa timoneiro, condutor que leva o barco ao porto. Tal forma foi importada pelo latim e passou a nomear o governo dos sistemas físicos automáticos. Com o desenvolvimento da tecnologia, o termo estendeu-se às máquinas que efetuam movimentos diferentes segundo alguma condição interna. Por fim, em função da revolução eletrônica, a palavra passou a rotular também as condições elétricas, magnéticas e óticas, bases dos processadores digitais e da cibernética atuais.

34 O chamado decalque consiste, nos termos de Assumpção Jr. (1986: 109), “na aquisição de forma léxica ou locução estrangeira, através da substituição, por forma léxica vernácula, de significação equivalente criada para esse fim”. Para Pisani (1967: 79), o decalque é “especialmente usado quando se devem criar palavras para exprimir um conceito novo chegado do exterior, e não se quer adotar a palavra estrangeira”.

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

- (05) cybercook (site dedicado à troca de informações sobre receitas culinárias)
- cyberspace (espaço virtual; termo criado pelo ficcionista William Gibson)
- cybercoffee (cafeteria que oferece aos usuários acesso à internet)
- cybercities (espaços/grupos de interação entre usuários da rede)
- cyberbullying (assédio pela internet)
- cyberaffair (site de relacionamentos amorosos)

Em relação ao emprego desse xenoconstituente em português, dois aspectos logo se destacam: (a) a ampla oscilação ortográfica entre *cyber-* e *ciber-* e (b) as diferentes nuances semânticas das formações com bases nativas. Quanto ao primeiro fato, é possível que as novas formações estejam se espelhando na palavra ‘cibernética’, vinda para o português, de acordo com A. G. Cunha (1982: 212), pelo francês ‘cibernétique’, em meados do século passado. De fato, surpreende a enorme quantidade de dados grafados com <i>, o que, no entanto, no nosso entendimento, não necessariamente legitima a produção de [‘si.bex], em vez de [‘saj.bex]³⁵, uma vez que nossos dados são de língua escrita, predominantemente. Considerando a abundância de formas escritas com <i>, passaremos a nos referir a esse elemento como *ciber-*.

- | | | | |
|-------------------|---------------|------------------------|--------------|
| (06) ciber-ataque | ciber-condria | ciber-café | ciber-crime |
| ciber-cultura | ciber-espaço | ciber-espião | ciber-guerra |
| ciber-literatura | ciber-nauta | ciber- <i>bullying</i> | ciber-rádio |

É prática comum que se parta de um significado básico, primário, de um dado item lexical e com base nele buscarmos as possibilidades de extensão polissêmica, seja por processos metafóricos ou por operações metonímicas. *Ciber-*, entretanto, não facilita esse método, por várias razões.

Se partirmos do conceito de Cibernética do próprio Wiener (1948: 43), que o cunhou para designar “*tentativas de comunicação e controle de máquinas, seres vivos e grupos sociais através de máquinas cibernéticas*” (homeostato, servo-mecanismos etc.), sua interpretação é um desafio à criatividade. O desafio interpretativo continua se lidarmos com a informação da *Wikipedia* de que a Cibernética tornaria possível a formação de analogias, por estudar o tratamento da informação no interior de máquinas e sistemas e processos de codificação, decodificação e retroalimentação.

35 Temos ouvido [‘sai.bex]café e [‘saj.bex]cultura, apesar de tais formas serem muitas vezes escritas com <i>: ‘cibercafé’, ‘cibercultura’.

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

Qual desses eixos propicia a construção do significado de, por exemplo, ‘ciber-sexo’? Muito nos ajuda, entretanto, o artigo do antropólogo Kim (2004: 76), que faz a seguinte declaração:

A teoria cibernética de Wiener, da década de 1940, originou pesquisas e influenciou vários campos científicos, incluindo a antropologia. Atualmente, a cibernética está praticamente esquecida como uma ciência, mas deixou importantes resíduos para a cultura. Esses resíduos, dentre outros provenientes do discurso técnico e científico, são meios criativos para as reavaliações do consenso social acerca dos significados das coisas. Resultados de um processo de reinvenção cultural, o ciborgue e o ciberespaço são referências emblemáticas de uma nova ordem do real que projeta o sistema antigo de interpretação da realidade sob novas formas, restringidas pelas dadas possibilidades históricas e culturais de significação.

Ora, essa “nova ordem do real”, que permite a reinterpretção da realidade pelos novos filtros culturais, a destacar o avanço tecnológico, é o que permitiu a explosão da polissemia da ciber-, proporcionando o que Soares da Silva (2006) denomina de “*puxar o significado para cima*”. É claro que numa palavra como ciber-ataque (“ataque feito ao computador por meio de programas que destroem arquivos”), o item ciber- não tem exatamente o mesmo sentido que em ‘ciber-condria’ (“doença provocada pelo uso excessivo do computador”) ou ‘ciber-café’ (“cafeteria em que se pode usar computador por meio de redes sem fio”). No primeiro caso, ciber- refere-se ao meio e ao tipo de vírus; no segundo, à causa da doença do usuário e, no terceiro, à possibilidade de acesso à *internet* num local determinado.

Se o exame da lista em (07), a seguir, surpreende pelas possibilidades combinatórias de ciber- é porque o significado está sendo “puxado para cima”. Diante desse fato, recomenda Soares da Silva (2006: 69), devemos “*procurar o significado esquemático de um item, mesmo que ele não exista*”:

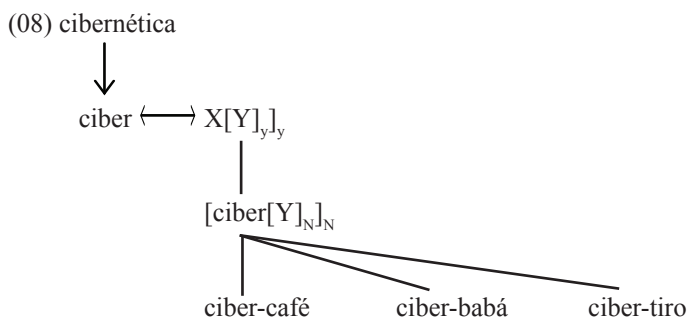
(07) ciber-babá	ciber-assédio	ciber-conveniência
ciber-avó	ciber-perito	ciber-pirata
ciber-plágio	ciber-terrorismo	ciber-tiro

Os dados em (07) evidenciam que os esquemas também podem se dar por elaboração, quando o processo de reconhecimento da nova categorização é completamente imanente no alvo. Tal parece ser o caso de ‘ciber-babá’, em que há ajuste das propriedades essenciais de babá (“aquela que toma conta e distrai a criança”) para o papel dos meios eletrônicos que

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

desempenham a mesma função, como computadores, celulares, televisões e *games* eletrônicos variados. Entretanto, quando o alvo conflita em algum aspecto com a estrutura de categorização, o processo de reconhecimento promove alguma quantidade de distorção. Tal pode ser resolvido, nos termos de Langacker (2008), pela suspensão de características da entidade [A] para obter uma estrutura abstrata ([A']), observável no alvo, aqui entendido como a nova entidade referida. Isso parece ser o que ocorre, por exemplo, com 'ciber-sexo' e 'ciber-assédio', por um lado, e, por outro, com 'ciber-tiro' e 'ciber-guerra'.

Do ponto de vista formal, as formas ciber-X, originadas de um *input* reanalisado por analogia, que cria o formativo, associam-se ao padrão de prefixação em português, já que a forma presa ciber- é de categoria neutra, sendo a classe gramatical das palavras complexas idêntica à da forma à direita, que constitui a cabeça lexical. Apesar disso, as formas ciber-X apresentam várias características de compostos, pois, entre outros aspectos, (a) realizam-se em duas palavras prosódicas, (b) manifestam conteúdos menos gramaticais e (c) caracterizam-se por menos previsibilidade semântica. A representação em (08), a seguir, resume o esquema formal de ciber-



A ideia básica de esquemas de construção, como o apresentado em (08), é a de que representam generalizações sobre conjuntos de palavras complexas com diferentes graus de abstração. Para Booij (2005: 13), “*as palavras complexas em si são especificadas individualmente no léxico na medida em que se encontram estabelecidas: são lexemas convencionalizados*”. A relação entre o sistema abstrato e instanciações individuais do referido esquema é representada como uma árvore, com o esquema de construção como o nó dominante. Palavras individuais formam o nó mais baixo das árvores e herdam as propriedades dos nós pelos quais

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

são dominadas. Cada nó inferior herda as propriedades de seu nó dominante. Essas propriedades herdadas carregam informações redundantes na parte inferior do nó. Assim, ciber-, oriundo de ‘cibernética, herda o conteúdo dessa palavra e se ajusta ao esquema de prefixação, instanciando o padrão [ciber[Y]_N]. ‘Ciber-café’, ‘ciber-babá’ e ‘ciber-tiro’, entre outras, são instanciações individuais desse esquema e, por isso mesmo, herdam propriedades desse nó.

4.2 Wiki-

‘Wiki’ é um termo proveniente do havaiano, que, utilizado em estruturas de reduplicação total (‘wiki-wiki’), significa “extremamente rápido”. A forma foi tomada de empréstimo pelo inglês e utilizada como palavra na língua (não necessariamente como elemento preso). Na *Wikipedia* (<http://pt.wikipedia.org>) encontra-se o seguinte comentário:

Uma **Web Wiki** permite que os documentos sejam editados coletivamente com uma linguagem de marcação muito simples e eficaz, através da utilização de um navegador web. Dado que a grande maioria dos Wikis é baseada na web, o termo wiki é normalmente suficiente. Uma única página num wiki é referida como uma “única página”, enquanto o conjunto total de páginas, que estão normalmente altamente interligadas, chama-se ‘o wiki’.

Como se vê, a expressão ‘web wiki’ foi reduzida para ‘wiki’, que deixou de remeter ao significado original em havaiano para experimentar novos usos, preservando, no entanto, de uma maneira ou de outra, a ideia de rapidez. Vejam-se os dados em (09), a seguir:

(09) wiki-novela	wiki-aves	wiki-flora	wiki-juris
Wiki-mapia	wiki-imagem	wiki-design	wiki-busca

Como se observa nos exemplos em (09), *wiki-*, quando adjungido à outra palavra, pode designar (a) uma espécie de documento colaborativo (primeira linha) ou (b) uma ferramenta eletrônica utilizada na criação cooperativa de hipertextos (segunda coluna). Hipertexto é um texto-suporte que acopla outros textos em sua superfície e cujo acesso se dá através de *links* que têm a função de conectar a construção de sentido, estendendo ou complementando o texto principal. Esse sistema foi a base para o

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

funcionamento do *Wikipedia*³⁶, ferramenta que inovou o mundo cibernético ao permitir o compartilhamento de conteúdos variados por usuários da *internet* do mundo todo.

Ao que tudo indica, o cruzamento ‘*wikipedia*’, fusão vocabular de ‘*wiki*’, nas acepções acima comentadas, com ‘*encyclopedia*’, foi a base na qual se espelharam as formações da primeira coluna de (09), sem dúvida alguma as mais numerosas tanto em inglês quanto em português. Se assim consideramos, *wiki* passa de forma livre a *splinter* e, por isso mesmo, (a) fixa-se na primeira posição e (b) assume o significado de ‘*wikipedia*’. Como se vê em (10), as formas manifestam o significado “enciclopédia rápida” do conteúdo que se especifica no constituinte à direita:

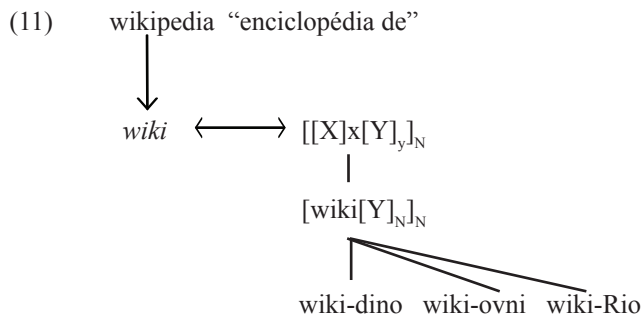
(10) wiki-arquitetura	wiki-flora	wiki-cionário	wiki-Rio
wiki-história	wiki-dino	wiki-ovni	wiki-viagem
wiki-Sampa	wiki-choco	wiki-literatura	

A análise morfossemântica de *wiki-* não oferece maiores dificuldades em função da relativa especialização do constituinte, dada pelo “senso geral”. Esse formativo sempre integrará o domínio-matriz da informação, que, como domínio complexo, estará numa relação de interseção com o domínio “coletânea de informações”. Desse modo, os *sites* nomeados como ‘*wiki*’ são usados para identificar um tipo específico de coleção de documentos, em hipertexto ou o *software* colaborativo utilizado para criá-lo. Suas especificidades são proporcionadas pelos constituintes vernaculares que ativam os conceitos que o compõem e que são o foco de cada construção *wiki-X*: enciclopédia, aves, biodiversidade, dicionário, informações jurídicas, livros, mapas, localizações, ofertas de consumo, informações de utilidade pública, atividades de ensino-aprendizagem etc.

Do ponto de vista formal, as formas *wiki-X*, originadas de um *input* caracterizado pelo fenômeno do *blend* lexical, que recategoriza o formativo, associam-se ao padrão de composição em português, já que *wiki* corresponde a uma forma livre e constitui a cabeça lexical das novas formações. Apesar disso, as formas *wiki-X* apresentam algumas características de derivados, pois, entre outros aspectos, (a) formam séries de palavras e (b) impõem restrições semânticas e sintáticas sobre o constituinte a que se adjungem, selecionando a categoria lexical (substantivo) de sua base. A representação em (11), a seguir, resume o esquema formal de *wiki-*.

36 A ‘*Wikipedia*’, conhecida como a “enciclopédia livre”, nasceu em 2001 e hoje é, de longe, o *wiki* mais confiável e mais rico. Dados da “Informática em revista” mostram que, em junho de 2010, a *Wikipedia* apresentava quase 500.000 verbetes (a *Britânica* tem cerca de 150.000), que estão sendo traduzidos para mais de 70 línguas.

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis



4.3 -Leaks

O constituinte *-leaks*, originário do verbo inglês ‘*to leak*’, que significa “vazar”, apareceu na mídia primeiramente combinado com *wiki*, numa estrutura de palavra morfológicamente complexa: ‘*Wikileaks*’. A citação a seguir resume o *Wikileaks*:

WikiLeaks é uma organização internacional sem fins lucrativos que publica submissões secretas e privadas de fontes de notícias anônimas, vazamentos de notícias e denunciamentos. Seu site, lançado em 2006 sob a pressão da organização Sunshine, afirmou um banco de dados de mais de 1,2 milhões de documentos em um ano de lançamento. WikiLeaks descreve seus fundadores como uma mistura de dissidentes chineses, jornalistas, matemáticos e tecnólogos de empresas dos Estados Unidos, Taiwan, Europa, Austrália e África do Sul. Julian Assange, um ativista de Internet da Austrália, é geralmente descrito como seu diretor. O site foi lançado originalmente como um wiki editável pelo usuário (daí o seu nome), mas mudou-se progressivamente para um modelo mais tradicional de publicação e não aceita mais comentários de usuário ou edições.

(<http://en.wikipedia.org/wiki/WikiLeaks> - tradução nossa)

Observa-se, pela citação, que o *site* foi primeiramente um *wiki*, daí se motivando sua denominação. Por isso mesmo, constitui mais uma das formações *wiki-X* analisadas na seção 4.2. De um modo geral, o termo ‘*wikileaks*’ exprime o vazamento de documentos secretos do governo americano e dessas duas características – (a) exposição de informações e (b) informações proibidas – formou-se seu protótipo semântico.

Foi com essa noção relativamente estável que o formativo *-leaks* foi se ajustando às possibilidades significativas das palavras que passou a

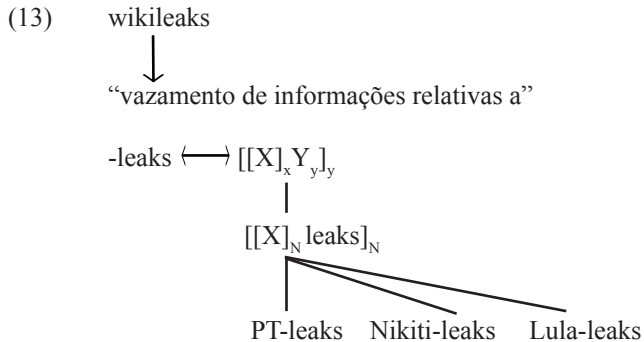
Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

formar, sempre como elemento de segunda posição. Vejam-se os dados em (12), a seguir:

(12) olimp-leaks	Amazônia-leaks	nikiti-leaks
planalto-leaks	Lula-leaks	pt-leaks
orkut-leaks	facebook-leaks	Brasília-leaks

Assim é, então, que ‘olimpic-leaks’ busca tornar públicos documentos referentes às violações de direitos humanos, em especial do direito à moradia, resultantes das remoções por conta dos jogos olímpicos de 2016, na cidade do Rio de Janeiro. O ‘facebook-leaks’ revela as conversas secretas no *site* de relacionamentos *Facebook*; ‘Nikiti-leaks’ veicula notícias indesejáveis de Niterói e ‘PT-leaks’, o material divulgado pelo *Wikileaks* sobre Portugal.

Como se pode perceber, *-leaks* constitui *splinter* por assumir, sozinho, o significado da palavra complexa de onde foi reanalisado. Por se fixar na borda direita das novas construções, enquadra-se no esquema de sufixação em português, apesar de não funcionar como sufixo prototípico, por (a) não ser muito produtivo (talvez em decorrência de seu ingresso recente na língua), (b) agregar-se a palavras (e não a radicais, como os sufixos mais canônicos) e (c) projetar palavra prosódica independente. O esquema em (13), a seguir, formaliza o comportamento de *-leaks*:



4.4 \mathcal{E}

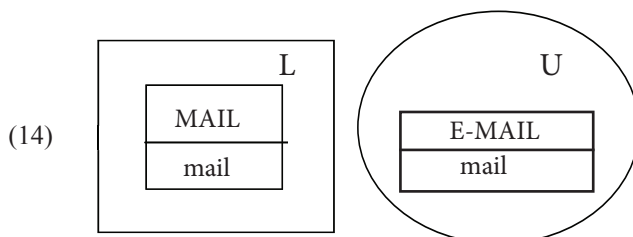
O formativo *e-*, abreviação de ‘*eletronic*’, apareceu primeiramente na palavra inglesa ‘*e-mail*’ (*‘eletronic mail’* – “correio eletrônico”). Langacker (2008: 224) examina essa palavra, com base nas noções de esquema e redes, realçando os aspectos mais semânticos que formais.

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

Considera que a passagem de ‘*mail*’ para ‘*e-mail*’ constitui caso de extensão semântica. A mensagem tradicional, escrita em papel e postada nos correios, é agora entendida como mensagem eletrônica. A unidade lexical ‘*mail*’ foi invocada para designar sua contraparte virtual. Então, se a palavra ‘*mail*’ era convencionalizada, ‘*e-mail*’ nasceu da motivação cultural dos novos meios de comunicação, de tal maneira que sua menção pode remeter ao processo eletrônico.

Repara Langacker (op. cit.) que tal caso é de extensão (e não de elaboração) porque certas propriedades da categorização inicial se perderam ou foram distorcidas, como, por exemplo, a ausência de papel para escrever e a maneira como as mensagens são distribuídas (ou entregues). Por outro lado, é importante notar que, pela suspensão de certas propriedades específicas de ‘*mail*’, foi obtida uma concepção mais abstrata, plenamente manifestada em ‘*e-mail*’. A consequência disso é a constituição de um esquema (semântico-cognitivo), que pode ser acessado independentemente tanto por ‘*mail*’ quanto por ‘*e-mail*’.

A extensão possibilita, portanto, a apreensão implícita de algo em comum entre fonte e alvo. O que é importante é perceber que a categorização, em termos de estrutura de categorização, pode ser reconhecida no alvo. Langacker (op. cit.) apresenta diagramaticamente um elemento que ocorre num espaço da língua (L) que é relacionado com um espaço do uso (U):



Aceito e assimilado o padrão *e-X* pelos falantes, novos termos surgem em referência ao canal pelo qual algumas tarefas, objetos ou objetivos são veiculados. Veja-se, em (15) a seguir, uma pequena amostra de formas com a abreviação de ‘*eletronic*’ na primeira posição:

(15) e-business	e-fashion	e-work	e-book	e-comunidade
e-negociação	e-vendas	e-chantagem	e-mediador	
e-professor	e-amigo	e-namorado	e-pipoca	
e-comercio	e-fã	e-exame		

O que distingue tais palavras das outras com xenocostituintes já descritas é que o elemento vernacular parece indicar um objetivo,

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

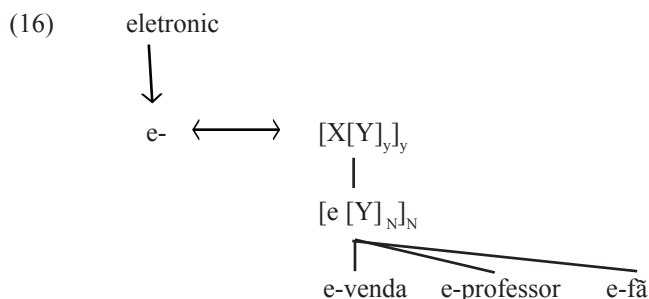
diferentemente dos casos formados com *wiki-*, que designam *sites* de informações variadas, ou dos construídos com *-leaks*, que indicam o vazamento de informação proveniente do codificado na parte vernacular. Além disso, *e-* não apresenta a mesma polissemia de ciber-.

Antunes, Correia & Gonçalves (2008: 121) fazem uma descrição lexicológica dos chamados *e-terminos*, por eles definidos como “*cada uma das unidades que apresenta na sua estrutura a partícula e com o significado de electronic/electrónico*”. Os *e-terminos* são bastante frequentes em jornais e revistas de especialidade e também na *internet*, “*meio que, de facto, se pode considerar o seu grande centro difusor*” (Antunes, Correia & Gonçalves, 2008: 122). Desse modo, podemos afirmar que

a partir do momento em que a comunicação electrónica se expandiu e “invadiu” todos os domínios, os grupos sociais e as empresas com ramos de actividade que se encontram directa ou indirectamente ligados à rede, têm criado, importado e adaptado uma multiplicidade de termos para servir as suas necessidades ou, tão somente, para demarcar a sua posição e importância tanto a nível social como económico.

Sendo a forma mais globalizante de comunicar, os termos usados são familiares a um grande número de indivíduos e têm a capacidade de remeter imediatamente para uma realidade definida.

Não à toa, portanto, como mostraremos na conclusão, que a utilização de *e-* serve como contraparte ao conduto, na metáfora da comunicação, como formulada pioneiramente por Reddy (1979). Antes de tecer considerações mais gerais sobre essa metáfora – e de que maneira se aplica aos nossos dados – resumimos, em (16), o comportamento formal dos *e-terminos*:



Como se vê em (16), *e-* se fixa na borda esquerda da palavra, comportando-se, assim, como prefixo, já que constitui forma presa de

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

grande produtividade na língua e favorece a ampla criação de palavras *e-X*, pois seu conteúdo possibilita a combinação com um número relativamente grande de bases nominais, podendo denominar, em princípio, qualquer tipo de atividade feita em formato eletrônico.

5. *Palavras Finais*

O que torna especialmente interessante a análises dos xenocostituintes vinculados a expressões cunhadas por motivação/necessidade informacional é o fato de todos atualizarem e reelaborarem com mais detalhes a antiga metáfora do conduto, formulada originalmente por Reddy (1979), para expressar a forma como é conceptualizada a comunicação humana. Em sua conceituação básica, palavras são coisas (que pegamos, colocamos, guardamos etc), transmitidas de um falante para um receptor por meio de um conduto: “Você não entende português?” (português = conduto); “Como vou te passar essa noção? (como? = por que conduto?); Você fala que eu entendo (fala = conduto).

Nesses novos tempos, o conduto é eletrônico, consubstanciado e especificado por diferentes recursos formais que agrupamos sob a rubrica geral “cibermorfologia”. As informações, dada sua nova natureza, podem ser condensadas e transmitidas de um jeito “wiki”. Finalmente, a ratificar a metáfora que dá suporte a essa conceptualização, as informações (agora não mais sólidas, mas líquidas) podem “vazar”, de um modo totalmente “leaks”. Então, os xenocostituintes aqui analisados ativam o conceito de encanamento, o que consolida as possibilidades de ramificações, próprias do conceito de informática.

Propomos, então, à luz da LC e com base nas análises feitas, que o domínio-matriz que abriga os diversos domínios complexos ativados por cada constituinte seja o da informação. Sem noções como a de esquema, polissemia e instabilidade significativa, formação de redes e recategorização, prototipia, ajustes focais e construções, a presente análise não poderia ter sido feita, abordando de maneira tão integrada aspectos morfológicos e semânticos das novas construções lexicais, criadas em perfeita consonância com os tempos atuais, caracterizados por grandes avanços tecnológicos.

Para encerrar, ratificando a interação linguagem/cultura e a metáfora como sua expressão, citamos Bauman (2008), num texto sobre a realidade líquida, que justifica, então, a reelaboração da metáfora do conduto nessa época dominada pela rapidez da informação e dos desenvolvimentos tecnológicos:

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

Precário é o homem, que se sente inseguro não apenas para o trabalho – que não é mais fixo –, mas também pelo medo das pessoas novas que estão enchendo as cidades ocidentais, pela ameaça do terrorismo, **pelo medo de não conseguir acompanhar as novidades tecnológicas**. Existe um mundo em contínuo movimento, extremamente rápido, que deixa qualquer pessoa na constante preocupação de manter o ritmo das mudanças, de não ficar de fora dos acontecimentos. Esta vida precária, sem nenhum tipo de segurança, que obriga as pessoas a mudar continuamente de situações, é o novo estilo de vida da **sociedade líquida**. (Grifos nossos).

In: Diálogos possíveis. janeiro/junho 2008. Disponível em:
http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/12/artigo_10.pdf

Referências:

ANTUNES, M.; CORREIA, S. & GONÇALVES, R. *E-terms: descrição e hipótese de classificação*. In: Mendes, A. & Freitas, T. (orgs.). *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Lisboa: APL & Colibri, 2008, pp. 121-130.

ASSUMPCÃO Jr., A. P. de. *Dinâmica léxica portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

BASÍLIO, M. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 6, p. 11-26, 2010.

BASILIO, M. *Das relações entre texto, gramática e cognição: foco na cognição*. Trabalho apresentado no GT Descrição do Português (ANPOOL), 2011 (inédito).

BAUER, L. *Glossary of morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.

BAUER, L. The Borderline between Derivation and Compounding. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 97-108.

BOOIJ, G. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 109-131.

BOOIJ, G. Construction morphology and the lexicon. In: Montermini, F.; Boyé, G.; Harbout, N. (eds.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes. Morphology in Toulouse*. Somerville MA.: Cascadilla Press, 2007, pp. 34-44.

BOOIJ, G. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

CORBIN, D. French (Indo-European: Romance). In: G. Booij, C. Lehmann & J. Mugdan (eds.). *Encyclopédie Internationale de Morphologie*, Article 121, Berlin, Walter de Gruyter, 2000.

CORREIA, M. Criatividade e Inovação Terminológica – Novos Desafios. Comunicação Inédita apresentada ao Colóquio Internacional *A neologia Científica: balanço e perspectivas*. Roma: Organização da União Européia, 2003.

CROFT, W. & CRUISE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: University Press, 2004.

CUNHA, A.G., Dicionário etimológico. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUNKS, D. *Separating blends: formal investigation of the blending process in english and its relationship to associated word formation processes*. Liverpool: University of Liverpool, 2003.

FARIA, A. L. *Motivação morfossemântica das construções compostas N-N do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2011.

FAUCONIER, G. & TURNER, M. *The way we think*. Conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2004.

GOLDBERG, A. *Constructions at work. The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009.

Kay, Paul. *Words and the grammar of context*. Stanford, California: CLSI Publications, 1997.

KIM, J. H. Cibernética, ciborgues e ciberespaço: notas sobre as origens da cibernética e sua reinvenção cultural. *Horizontes Antropológicos*, v. 10, n. 21, 2004.

LANGACKER, R. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LEHRER, A. Scapes, holics and thons: the semantics of combining forms. *American Speech*, 73 (1), 1998, p. 3-28.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. São Paulo: Ática, 1989.

Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis

PISANI, V. *Linguistica generale e indeuropea*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1967.

PUSTEJOVSKY, J. Generativity and explanation in semantics: a reply to Fodor and Lepore. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 29, n. 2, 1998, p. 289-311.

REDDY, M. The conduit metaphor. In: Ortony, A. (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

SOARES da SILVA, A. *O mundo dos Sentidos — Polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almeida, 2006.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization – prototypes in Linguistic Theory*. New York: Clarendon Press, 1991.

WIENER, N. *Cybernetics, or control and communication in the animal and the machine*. Cambridge: The MIT Press, 1948.